

# A PRÁTICA DO PENSAMENTO DECOLONIAL EM MUSEUS DE ARTE: EXPOSIÇÕES NA PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO E NO MUSEU DE ARTE DO RIO

Palavras-Chave: MUSEU DE ARTE, EXPOSIÇÕES, DECOLONIALIDADE

Autoras:

ARIANE HELOISE DE CARVALHO – IA

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. SYLVIA HELENA FUREGATTI (orientadora), DAP - IA

---

## INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa propõe-se a realizar um estudo de caso sobre as exposições “Véxoa: Nós sabemos”, realizada entre os anos de 2020 e 2021 na Pinacoteca do Estado de São Paulo, e “Imagens que não se conformam”, realizada entre os anos de 2021 e 2022 no Museu de Arte do Rio, a fim de explorar as formas de materialização do pensamento decolonial nos museus de arte brasileiros a partir de projetos expositivos, para entender estes aspectos como mecanismo de retificação e ressignificação de seu histórico e atenção à representação de identidades plurais dentro de instituições de arte e cultura.

A pesquisa aborda como os impactos do colonialismo nas sociedades modernas inspiraram o pensamento pós-colonial e, posteriormente, o pensamento decolonial, desenvolvido por teóricos latino-americanos. Promovido por teóricos como Walter Dignolo e Aníbal Quijano, esta vertente busca criticar e superar o eurocentrismo presente na academia e na sociedade por meio do chamado "giro decolonial", que sugere o questionamento das hierarquias, desigualdades e injustiças atreladas à modernidade/colonialidade (BALLESTRIN, 2013, p. 105).

No contexto brasileiro, apesar do processo de independência político-administrativa de Portugal em 1822 e da consequente criação da república, é possível perceber a persistência de outras formas de dominação sobre a população da sociedade colonizada, mesmo com o fim do regime colonial, devido ao violento legado do genocídio e escravização (SALES, 2021, p. 2) do colonialismo, assim como aponta os estudos decoloniais.

Entendendo o papel das instituições culturais na reprodução de hegemonias e hierarquias excludentes provindas da colonialidade, esta pesquisa visou encontrar mecanismos de atuação que vão na direção oposta à marginalização de identidades e culturas, por meio da curadoria e exposição de arte, cujo potencial comunicativo e de criação de narrativas possibilita desafiar tais discursos, por meio do diálogo e abertura às comunidades diversas existentes no Brasil.

## METODOLOGIA:

A metodologia de pesquisa utilizada baseia-se na análise de informações obtidas por meio de pesquisa bibliográfica, que incluiu o levantamento de referências, leitura e fichamento de textos e a sistematização das informações obtidas, sendo elas pertinentes ao campo dos estudos decoloniais, da museologia e das artes visuais, mais especificamente sobre processos curatoriais.

Além disso, por meio da pesquisa exploratória foi possível realizar a interpretação e análise crítica das exposições investigadas, para a identificação dos processos curatoriais e museológicos adotados pelos museus e, assim, entender os aspectos decoloniais destes procedimentos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

A exposição “Véxoa: Nós sabemos” ocorreu entre 31 de outubro de 2020 a 22 de março de 2021, no Edifício Pina Luz. Com curadoria de Naine Terena, a exposição ocupou três salas do segundo andar, com 22 artistas de diferentes regiões do Brasil, e com obras de diversas linguagens, como pintura, escultura, instalação, fotografia e ativações realizadas por diversos grupos indígenas.

“Véxoa” surge a partir de um projeto de pesquisa de longa data, realizado pela curadora Naine Terena, intitulado de OPY, que quer discutir a ausência de arte indígena nas coleções de museus. A curadora coloca: “A grande intenção é fazer uma mostra que não tenha uma centralização no pensamento do curador ou da instituição, mas que considere profundamente o local de fala dos artistas, os anseios” (VÉXOA, 2020).

De acordo com o texto curatorial disponibilizado pelo site da Pinacoteca de São Paulo, a mostra representa um marco para a instituição que, desde sua fundação em 1905 até 2019, não possuía obras de artistas indígena, fato que se repete na história da instituição que até a década de 1990 contava com obras de apenas um artista negro em seu acervo (CHIARELLI, 2016). Esses dados indicam que os museus ainda cumprem com a função de reprodução da colonialidade do conhecimento dos seres (MIGNOLO, 2018, p. 310), pois surgiram vinculados à uma lógica colonial e civilizatória que apaga identidades e culturas que se distanciam do padrão europeu. O atual diretor-geral do museu, Jochen Volz, afirma:

“[...] Esta exposição é fruto de um diálogo ativo durante os últimos anos entre o museu e diversos atores da arte contemporânea de origem indígena brasileira, colocando em debate a história da arte que o museu pretende contar e as que permaneceram invisíveis” (VÉXOA, 2020).

Já em “Imagens que não se conformam”, a história do Brasil é colocada em diálogo a partir da coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e com a curadoria de Marcelo Campos e Paulo Knauss. Entre Maio de 2021 e Fevereiro de 2022, a mostra esteve no Museu de Arte do Rio com o objetivo de revisitar o acervo do IHGB, instituição acadêmica fundada em 1838 para afirmar o Estado Nacional brasileiro pós independência (CAMPOS e KNAUSS, 2021). Seu texto curatorial expõe:

A partir do diálogo com a criação da arte contemporânea, a exposição busca renovar os significados das peças da coleção do IHGB para interrogar, do ponto de vista artístico, as visões sobre a história do Brasil. Com isso, a exposição Imagens que não se conformam lida com questões prementes, como a reparação histórica associada, aqui, aos discursos identitários e ao protagonismo de artistas descendentes dos povos originários, afrodescendentes e de gêneros dissidentes, ausentes das imagens da história. (CAMPOS e KNAUSS, 2021)

A mostra contou com artistas como Dalton Paula, Paulo Nazareth, Sonia Gomes, Yacunã Tuxá, Uyrá Sodoma e Sallisa Rosa, que a partir da produção de arte contemporânea dialogam com a história, a fim de “desmonumentalizar narrativas predominantes e promover reparação histórica” (CAMPOS e KNAUSS, 2021), pautando as lutas dos povos originários e a luta antirracista ao lado de registros colonialistas.

Ambas as exposições apontam para a ausência de vozes marginalizadas dentro dos museus, seja com a inexistência de obras acervadas ou com projetos expositivos que contribuem com a manutenção de estereótipos sobre culturas e identidades. Com a frequente naturalização da separação do “outro” para sustentar a priorização de um conhecimento científico/civilizatório eurocêntrico, as instituições museológicas deveriam garantir o acesso e a autonomia para que pessoas negras e indígenas consigam reverter as narrativas mitificantes fomentadas pelos museus durante séculos, de modo que sejam reconhecidos enquanto sujeitos produtores de conhecimento e cultura viva, que não existe apenas atrás de uma vitrine engessado no tempo, com a sensibilização e desconstrução de estereótipos sobre a vida, a arte e os saberes originários (BARROS, 2023, p. 59).

Os dois casos analisados trazem visibilidade para a produção artística de grupos subalternizados e, assim, realizam um movimento contrário à lógica colonial estruturada nas instituições de arte brasileiras, o que possibilita discussão sobre diversos aspectos da decolonialidade no campo da museologia. Na contemporaneidade, arte e política se cruzam e se articulam nas produções artísticas, que atingem o museu e provocam suas estruturas com a assimilação dessa dinâmica cada vez mais acentuada. As salas expositivas se mostram como um lugar de disputas que, inseparável dos movimentos sociais, cria possibilidades de construção de um novo espaço de diálogo entre a instituição, arte e público. Simões conclui:

“Sem dúvida, essas ações são indispensáveis, mas não podem ser pensadas fora de um espaço que associa os movimentos sociais a um mercado que assimila demandas e as adota como estratégias de visibilidade para instituições que, enquanto marcas, precisam se impor em um competitivo cenário cultural e sistêmico da arte contemporânea. Não se trata de deixar de lado a atenção e o perigo da fetichização de tais temas, mas não se pode esquecer também que, no atual contexto econômico, os sujeitos invisibilizados passam então a ser vistos como sujeitos de consumo.” (SIMÕES, 2019, p. 81)

Neste ponto que conseguimos destacar os procedimentos curatoriais adotados nas exposições “Véxoa” e “Imagens que não se conformam”, que se desenvolvem a partir de políticas direcionadas ao acervo dessas instituições distintas e cujas existências estão apartadas por quase um século. É possível identificar uma similaridade na construção das exposições que partem de uma prática museológica decolonial, a fim de se distanciar da mera reprodução de discursos limitantes sobre pessoas que não tiveram o direito de serem representadas nessas instituições ao longo da história.

A exposição Véxoa, representa um marco significativo na valorização e reconhecimento da arte indígena contemporânea. Ao destacar a produção artística de povos originários, a exposição não apenas desafia e amplia as narrativas hegemônicas perpetuadas nas instituições museológicas, mas também proporciona uma plataforma essencial para a expressão e visibilidade de culturas que historicamente

ficaram a margem. “Véxoa” contribui para a desconstrução de estereótipos e promove um diálogo mais inclusivo sobre as diversas formas de conhecimento e cultura indígenas, expondo a capacidade dos museus de transformar a percepção pública e institucional sobre a arte indígena contemporânea.

Em "Imagens que Não Se Conformam", a abordagem crítica das representações visuais e narrativas na arte contemporânea, ao reunir obras que desafiam e subvertem normas eurocêntricas, oferece uma plataforma para a reflexão sobre as dinâmicas de poder, identidade e resistência. Através da diversidade de perspectivas e técnicas apresentadas, a exposição não apenas questiona as convenções estéticas e sociais, mas também promove um debate sobre as vozes e histórias relevantes para grupos sociais subalternizados, ao destacar a relevância de imagens que rompem com o *status quo*.

## CONCLUSÕES:

A partir das informações obtidas e analisadas, as conclusões alcançadas pela pesquisa apontam que as exposições, apesar de serem o principal agente articulador de narrativas dentro do museu, não são suficientes para que se garanta uma continuidade em práticas museológicas decoloniais. Contudo, com a promoção de ações de ressignificação, é possível enxergar possibilidades para uma transformação dos museus, que mesmo não podendo ser descolonizado em sua totalidade, pode ser um lugar de inclusão e retificação histórica, se articulado pelo caminho da escuta e do diálogo.

## BIBLIOGRAFIA

- BALLESTRIN, Luciana. **América latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- BARROS, Randra Kevelyn Barbosa. **Curadoras indígenas: diálogos e tensões na demarcação simbólica de museus no Brasil**. Meridional. Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos, n. 20, p. 57-85, 2023.
- BENITES, Sandra. **Contracolonialismo no contexto dos museus públicos**. Currículo, Diferença e Formação de Professorxs. YouTube. 12 set. 2022. <<https://www.youtube.com/watch?v=u3Nz0yhYuB8>>.
- BRULON, Bruno. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus**. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, São Paulo, Nova Série, v. 28, 2020, p. 1-30.
- CHIARELLI, Tadeu. **Sobre a mostra Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca**. In: Catálogo da exposição Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca, 2016, pp. 13-24.
- CAMPOS, Marcelo e KNAUSS, Paulo. **Imagens que não se conformam**. In: Museu de Arte do Rio. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://museudeartedorio.org.br/programacao/imagens-que-nao-se-conformam/>>.
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- \_\_\_\_\_. (2018). **Museus no horizonte colonial da modernidade**. Garimpando O Museu (1992) de Fred Wilson. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 7, n.13, pp. 309-324, jan/jun. 2018.
- O MUSEU**. Museu de Arte do Rio, 2023. Disponível em: <<https://museudeartedorio.org.br/o-mar/o-museu/>>.
- O MUSEU**. Pinacoteca de São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://pinacoteca.org.br/pina/o-museu/institucional/>>.

RIBEIRO, Luciara. **Curadorias em disputa: Quem são as curadoras e curadores negras, negros e indígenas brasileiros?** Novembro, 2020. Disponível em: <https://projetoafro.com/editorial/artigo/curadorias-em-disputa-quem-sao-as-curadoras-negras-negros-e-indigenas-brasileiros/>.

SALES, Michelle. **Nossos Fantasmas Estão Vindo Cobrar: Giro Decolonial na Arte Contemporânea Brasileira.** Vista, n. 8. Julho - dezembro, 2021.

SIMÕES, Igor Moraes. **Montagem Fílmica e Exposição: Vozes Negras no Cubo Branco da Arte Brasileira.** TESE (Doutorado em Artes Visuais - História, teoria e crítica da Arte). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

**Todo cubo branco tem um quê de Casa Grande: racialização, montagem e histórias da arte brasileira.** Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, volume 3, número 1, maio de 2021. p. 320.

**VÉXOA: nós sabemos.** In: Pinacoteca do Estado de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/vexoa-nos-sabemos/>.